

## LITERATURA E CINEMA: DUAS LENTES

### ***SOBRE O TESTAMENTO DO SR. NAPUMOCENO, DE GERMANO ALMEIDA***

Eidson Miguel da Silva Marcos (UFRN)

Amarino Oliveira de Queiroz (UFRN)

O discurso literário cabo-verdiano, marcado por temas como a seca e a emigração apresenta, no período de pós-independência, possibilidades de apreensão caracterizadas por um viés abertamente humorístico. O presente estudo recorta tal experiência, privilegiando aspectos da narrativa romanesca de Germano Almeida como espaço discursivo no qual a ironia e o humor se inserem, pela via ficcional, como importantes elementos de aferição crítica do contexto sócio-histórico daquele arquipélago atlântico africano. Na década de 90, a obra *O Testamento do Sr. Napumoceno* ganhou uma versão cinematográfica, inaugurando assim uma até então inédita parceria entre Cabo Verde, Brasil e Portugal na perspectiva de releitura da obra. Dessa forma, se investirá na apreciação de *O Testamento do Sr. Napumoceno*, sobretudo na sua versão romanesca, destacando diferentes enfoques acerca da realidade cabo-verdiana que ambas as versões fazem registrar.

Germano de Almeida é natural da ilha de Boa Vista, onde nasceu em 1945. Autor de mais de 12 romances, enveredou também pela crônica, gênero em que se apura o caráter humorístico de sua escrita. Advogado experiente, ex-procurador da República e ex-deputado eleito pelo Movimento Para a Democracia de Cabo Verde, foi também diretor do jornal *Agaviva*. Seu romance *O Testamento do Sr. Napumoceno* apresenta a trajetória de Napumoceno da Silva Araújo, um abastado comerciante da cidade do Mindelo, que, dez anos antes de morrer, escreve um testamento de 387 laudas no qual, durante sua abertura e leitura ocorrida ao longo do processo narrativo, vai apresentando em *flash backs* outras facetas existentes por trás da imagem de comerciante solteirão e metódico cultivada socialmente pelo protagonista.

Em 1997, roteirizado pelo teledramaturgo brasileiro Mário Prata e dirigido pelo cineasta português Francisco Manso, o romance ganha uma versão cinematográfica através de uma co-produção Brasil – Portugal - Cabo Verde, experiência que o situa

como um dos primeiros filmes rodados no arquipélago cabo-verdiano. Sabe-se que a linguagem cinematográfica apresenta especificidades que, conseqüentemente, poderão propiciar aspectos diversos daqueles contidos na linguagem literária. Afinal, “o filme tem autonomia para existir segundo seus parâmetros de obra cinematográfica, assim como o romance guarda suas peculiaridades” (GUIMARÃES, 2006, p. 95). Além do mais, as visões do escritor e do cineasta vão apresentar suas particularidades, tendo em vista ainda as idiossincrasias das diferentes linguagens, em termos de produção, distribuição e recepção, no caso o texto impresso no produto livro e o audiovisual no produto filme.

Em *O Testamento do Sr. Napumoceno*, sendo a ironia um dos principais meios para a construção do efeito jocoso, notamos que, enquanto ela é marcante em quase todo o romance, “é, no filme, apenas pontual, desaparecendo até totalmente no final” (PIRES, 2006-2007, p. 41). Ainda que discutível, é igualmente compreensível que certos aspectos enfatizados no romance sejam, no filme, adaptados às exigências técnicas e mercadológicas da linguagem cinematográfica, sem contar a visão dos produtores ao incidirem sobre a obra, reformulando-a. Assim, podemos notar que, por exemplo, enquanto no romance o tom irônico acompanha o Sr. Napumoceno por toda a narrativa, no final do filme “tudo é feito para que os espectadores sintam alguma compaixão quando são evocados os seus últimos dias” (PIRES, 2006-2007, p. 41).

Nas várias páginas que lega à posteridade, o Sr. Napumoceno relata toda a sua vida, desde a infância descalça, passando pelo enriquecimento através do trabalho, da sorte e de alguma esperteza, levando o leitor a alguns surpreendentes detalhes de sua vida privada, marcada por relações amorosas e políticas que chocariam a população mindelense e esboçariam um particular panorama da cidade cabo-verdiana no período anterior à independência de Portugal, ocorrida em 1975. A narrativa intercala dois momentos temporais: um que apresenta o desenvolvimento da vida de algumas personagens já influenciadas pelo conteúdo do testamento, a exemplo de Carlos Araújo e Maria da Graça, sobrinho e filha bastarda do falecido, e outro momento, mais recuado, que mostra a vida desconhecida e surpreendente do Sr. Napumoceno.

A maneira como o autor caracteriza e ambienta as personagens, dentre outros fatores, nos leva a vislumbrar uma proposta de certa conexão com a realidade social na qual ele próprio se insere, levando-nos

a crer que o autor, ao escrever este romance em particular, estaria movido pelo intuito de esboçar, através da sua obra, um quadro crítico da realidade em que vivia, apontando “problemas” (corrupção, promiscuidade etc.) a partir da análise dos quais se vislumbram soluções possíveis” (MARCOS e QUEIROZ, 2010, p. 4)

Pelo recurso da ficcionalização, “forçosamente existe uma correlação autor/obra, fruto da observação e vivência pessoal do autor” (GUERREIRO, 1998, p. 45):

Transpondo a realidade para a ficção, o autor através da personagem principal, **Napumoceno da Silva Araújo**, dá-nos a conhecer os aspectos sociais e políticos de Cabo Verde num período de grande agitação antes e depois de 25 de Abril de 1974, período marcado pela ocorrência de mudanças profundas naquela sociedade, nomeadamente a independência que teve lugar a 5 de Julho de 1975. (GUERREIRO, 1998, p. 44, grifos da autora).

Neste sentido, algumas evidências podem ser depreendidas no próprio discurso do narrador, onde é esboçado, em perspectiva teórica, o exercício crítico da sociedade local, como pode ser observado a seguir:

São Vicente é uma ilha de povoamento recente, feito com recursos aos naturais das outras ilhas que a seca, a falta de trabalho e outras misérias forçaram a migração. Ora essas criaturas abandonam ilhas de fortes tradições próprias e já com enraizadas formas de estar no mundo para de repente se lançarem num espaço não só agreste como também relativamente hostil e onde, para sobreviver, são obrigados a miscigenar diferentes culturas regionais com o conseqüente prejuízo de nenhuma delas ser suficientemente majoritária para se impor. E é esta circunstância, mais a ausência de uma ancestral ligação a esta terra, que faz do homem de São Vicente um ser leviano e fluido... (ALMEIDA, 1996, p. 131).

Ou, ainda, nesta outra passagem:

Mas como se tudo isso já não fosse suficiente, a população que habita esta ilha viu-se, logo no início do processo de formação daquilo que poderia vir a ser uma *sui generis* cultura regional, submetida e influenciada por uma outra cultura, a inglesa, não só poderosa como rígida e dominadora e que por isso mesmo passou a ser o ponto de referência essencial para todo residente desta ilha, sem prejuízo, bem entendido, da constante passagem de outras formas culturais estrangeiras menos notórias mas nem por isso menos marcantes, e a consequência de tudo isto é na verdade de o homem de São Vicente ser o mais inautêntico de Cabo Verde.” (ALMEIDA, 1996, p. 132).

A hipocrisia da sociedade, que se esconde por trás das aparências, também é captada pela lente de Germano Almeida, por intermédio de um narrador que penetra no íntimo das personagens e que sabe, a título de exemplificação, que “Carlos fez das tripas coração e inventou forças para um sorriso e um porra para toda essa merda!” (ALMEIDA, 1996, p. 12). Tal constatação da personagem se verifica no momento em que descobre não ter herdado o controle dos negócios do falecido tio, o qual, respeitoso e metódico como era, revela no testamento a existência de uma filha bastarda, Maria da Graça, fruto de uma aventura com uma funcionária. Maria da Graça herdaria não somente o patrimônio acumulado com o efetivo controle dos negócios, mas também uma memória que lhe revela a própria origem, uma vez que:

A ligação das personagens com o narrador é muito forte dentro do universo diegético, dado que por diversas vezes estabelece com elas ligações, emite juízos de valor a seu respeito, ou formaliza ainda enunciados que funcionam como elos de ligação” (GUERREIRO, 1998, p. 79).

Carlos, o sobrinho, que antes da leitura do documento era só lamentos e desejos de satisfazer as últimas vontades do estimado tio, após a descoberta das indicações do testamento não consegue engolir um “que se foda no inferno o velho danado!” (ALMEIDA, 1996, p. 12), pelo que recebe a repreensão do amigo relator. Afinal, “aquelas palavras e modos desabridos não se coadunavam nem com o homem que ele era e que todos conheciam nem com o luto carregado que ele trazia” (ALMEIDA, 1996, p. 12). A lente de Germano Almeida nos mostra o outro lado da aparência, o que não corresponde à imagem do homem que as pessoas conhecem. Vemos, então, o comportamento social ser arremedado por meio dessas cenas cômicas, onde os dados da

hipocrisia e da falácia das aparências são captados por uma lente irônica e expostos ao leitor. Nessa tônica são apresentados aspectos de diversos segmentos da sociedade, visto que:

O **espaço social** no **Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo**, oferece-nos um quadro dinâmico da cidade de **Mindelo**, ambiente onde as personagens se movem e que está organizado como um todo socialmente funcional.

A estrutura familiar, através dos chamados laços de sangue e que se articula na obra através das personagens Carlos e Napumoceno, seu tio, conferem um carácter de proteccionismo e abnegações mútuas, normalmente presentes no conceito da família tradicional.

Também as estruturas comerciais de **Mindelo**, onde não faltam referências ao contrabando, e a sua ligação ao **Porto Grande**, constituem uma verdadeira instituição social, em torno da qual se orientam grande parte das acções e onde prevalecem os interesses individuais.

As organizações políticas, nomeadamente nas referências ao PAIGC e à Câmara Municipal, a cuja vereação Napumoceno ascendeu, são estruturas em torno das quais, se desenham os contornos de vários contextos políticos, arquitetando ideias, vaticinando-se futuros e estabelecendo-se comparações com organizações externas, nomeadamente quando Napumoceno compara o poder municipal de **Cabo Verde** ao poder municipal da **América**. São os vários empenhamentos e/ou retracções de Napumoceno que permitem avaliar os vários momentos da vivência política num dado momento em **Cabo Verde**. (GUERREIRO, 1998, pp. 76-77, grifos da autora).

O conteúdo destes fragmentos deixa entrever a proposta do autor de dialogar com uma dada realidade social, de captá-la em suas lentes para devolver um diagnóstico de seus males, ou, como afirma Maria Manuela Lopes Guerreiro, reportando-se a autores como Manuel Ferreira e Gabriel Mariano:

Manuel Ferreira afirmara que era partidário duma literatura social e que a sua visão era a de *agarrar no social e transformar isso em literatura (...) uma literatura sem essa parte é uma literatura coxa, uma literatura a que lhe falta um braço ou coisa parecida*.

Partilhando idêntica opinião **Gabriel Mariano** afirmaria que *o escritor é um ser humano, ou seja, é um ser social, envolvido e condicionado pela cultura da sua sociedade. A literatura é um*

***fenómeno social e a obra literária é um modo de comportamento específico do escritor.***

Tomando como referência as duas afirmações anteriores provenientes de duas **autoridades** do mundo da cultura cabo-verdiana, poderemos afirmar que elas estão subjacentes às diretrizes que moveram **Germano de Almeida** ao escrever **O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo**, dado que através deste romance conseguiu transmitir uma visão grandiosa da sócio-cultura de Cabo Verde. (GUERREIRO, 1998, p. 83, grifos da autora).

Para a concretização dos objetivos a que nos propusemos, faz-se necessário compreender até que ponto ou em que grau o elemento social pode estar presente em uma obra literária para que, conforme insinuamos, possa ser analisado. Em *O Testamento do Sr. Napumoceno*, percebemos referências a ambientes, períodos históricos e costumes, dentre outros aspectos que, captados por uma lente irônica, norteiam a relação entre o elemento social e a conformação literária da obra. Ao moldar personagens forjadas sobre características comuns a tipos sociais cabo-verdianos, e ao ambientar o romance em um tempo e lugares que remetem a períodos e espaços reais emblemáticos de Cabo Verde, Germano Almeida capta aspectos dessa realidade, convertendo-os em elementos estruturais de sua obra, apresentados sob uma ótica burlesca que mostra o que está por trás das aparências ou, conforme já havíamos referido em outro momento:

O tempo e o espaço que permeiam a obra coincidem com períodos políticos emblemáticos na história de Cabo Verde. Essa construção do espaço, do tempo e das personagens em *O Testamento do Sr. Napumoceno*, com os elementos específicos que remetem a certos períodos marcantes da trajetória da terra natal do autor, certas características de grupos sociais, de figuras da comunidade, levam o leitor a configurar impressões determinadas, ligadas a pontos de vista da realidade que contemplam conceitos valorativos da sociedade em seus vários aspectos morais, sócio-econômicos etc. (MARCOS e QUEIROZ, 2010, p. 4)

Esse procedimento não é exclusividade desta obra de Germano Almeida em especial. Ao tecer comentários acerca dos recursos estilísticos utilizados por Germano no consagrado romance *A Família Trago*, mais especificamente sobre o seu foco narrativo, Queiroz (2007) afirma que:

Germano Almeida inicia a obra na perspectiva de um autor autodiegético, que participa da ação não apenas na condição de contador de histórias, mas efetivamente posicionado como elemento representativo da própria família Trago. É esse narrador quem, recorrendo à recriação da memória familiar, realiza uma descrição paródica deste universo, o que torna possível a constatação de que, já a partir de suas primeiras páginas, o livro aponta para um signo de comicidade que conduzirá todo o seu desenvolvimento. (QUEIROZ, 2007, p. 90).

Seguindo por essa via, entendemos que Germano Almeida buscou expressar concepções acerca de um dado recorte sócio-histórico-cultural de Cabo Verde, que, por sua vez, apresentaria uma proximidade com o pensamento social. Fato reforçado pela presença de teorias acerca da situação da ilha de São Vicente referidas no corpo do romance, ressaltando, num viés crítico humorístico captado e lançado ao leitor, sua lente focada na ironia.

A respeito dessa proximidade com o elemento social, é notória a relação entre tal elemento – principalmente no tocante ao recente passado colonial e seu legado ao continente africano – e a atual escrita de inúmeros autores africanos, inclusive cabo-verdianos. Diversos desses criadores, estudiosos de literaturas africanas, acentuam em seus textos a relação da literatura com o dado político, econômico e social do colonialismo europeu. Bem a propósito, o sociólogo e crítico de literatura angolano José Carlos Venâncio defende que “é impossível conceber a formação do que geralmente designamos de literatura africana (i. e., literatura africana em línguas europeias) desligada do fenómeno do colonialismo” (VENÂNCIO, 1992, p. 6). Seguindo esta linha de raciocínio, Queiroz (2007, pp. 49-50) entende que “torna-se importante atentar para o fato de que a apreciação crítica do texto literário africano não poderá realizar-se de modo mais efetivo se o dissociamos de seu respectivo contexto cultural e político”, isso porque após longos períodos de vigência de regimes colonialistas no continente africano os processos iniciados desde o século XIV desenvolveram-se em movimentações artísticas, políticas e militares no intuito de promover a independência, a autonomia e a autodeterminação das colônias africanas de suas metrópoles europeias, processo acentuado durante as décadas de 50 e 70 do século passado. Conforme pontua Queiroz (2007)

É nesta fase de lutas anticolonialistas que começa a se intensificar, juntamente com o surgimento dos novos Estados nacionais, a conformação de perfis identitários diferenciados, nos quais a produção literária oral e escrita desempenharia papel fundamental (QUEIROZ, 2007, p. 49).

Também Moema Parente Augel (2006) assegura que durante e após os regimes coloniais nos países africanos a literatura ali produzida irá dialogar estreitamente com os contextos sociopolíticos pelo fato de o escritor africano, imerso nesse ambiente, buscar captar

as tensões e as antíteses de uma sociedade em que o componente racial condiciona tanto as relações sociais e políticas quanto as econômicas e culturais, mostrando-se especialmente hábil em captar os conflitos entre a mentalidade do colonizador e a dos nacionais (AUGEL, 2006, p. 9).

Em Cabo Verde, inclusive, os movimentos que marcaram o século XX ocorreram marcadamente no campo artístico/intelectual. Em virtude de fatores como a insularidade de seu território e o fato de que

os trabalhadores não têm tanta força como em outras terras. Não é uma força tão grande do ponto de vista econômico, porque na nossa terra é fundamentalmente no campo que reside a grande força econômica. Mas no campo era quase impossível fazer greves” (CABRAL, s/d., p. 22).

Esta luta pela independência se deu principalmente de forma política clandestina até a independência. Ideais de autonomia começam a se consolidar na década de 40 do século passado, intensificando-se a partir de 1956 com a criação, na capital da Guiné Bissau, do PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde), cujo principal ideólogo e promotor foi Amílcar Cabral.

No que concerne à busca por uma cabo-verdianidade, os movimentos literários foram cruciais nesse aspecto. O movimento dos claridosos, cujo carro chefe era, como



se sabe, a revista literária *Claridade*, “tinha por ideário programático “fincar os pés na terra” como imagem lapidar da assunção do real (social, cultural e antropológico) crioulo” (GOMES, 2008, p. 118) e

tratar os problemas do homem cabo-verdiano (as estiagens, a decadência do Porto Grande, o encerramento da emigração para os Estados Unidos da América, a abertura do contrato para as roças de S. Tomé)” (SEMEDO, 2001, p. 256).

Fincar os pés na terra era crucial para as aspirações de autonomia, já que

não é possível lutar de facto pela independência de um povo, não é possível estabelecer de facto uma luta armada (...) sem conhecermos a sério a nossa realidade e sem partirmos a sério dessa realidade para fazer a luta. (CABRAL, s.d., p. 21).

As relações entre literatura e sociedade em Cabo-Verde seriam marcadas no decorrer dos processos autonômicos e após sua consolidação, atuando no seio de confrontos político-ideológicos e identitários idealistas, seja refletindo seja refratando o contexto no âmbito da busca de “reconstrução nacional” por parte das forças políticas que assumiram a direção dos rumos nacionais após a proclamação da independência, em 5 de Julho de 1975. Como nos informa o poeta e crítico literário cabo-verdiano José Luís Hopffer Almada:

são visíveis os esforços do novo poder no sentido de otimização política da obra literária (que não do discurso ensaístico e identitário) dos claridosos e dos neo-claridosos, como Jorge Barbosa, Baltazar Lopes da Silva e Manuel Lopes, (...) consagrados como autores e elementos nucleares dos currículos escolares. Os mesmos esforços foram igualmente extensivos à recuperação política e/ou técnico-administrativa de alguns dos seus eventuais críticos e a sua seqüente integração, quer no sistema de partido único e na “saga da reconstrução nacional” quer ainda na construção de um discurso de sedimentação nacionalistas das tragédias dos flagelados do vento leste e da saga da sobrevivência da nação cabo-verdiana contra todas as calamidades climáticas e históricas. (ALMADA, 2007, p. 37).

Valorizar a língua cabo-verdiana, lançar as bases de uma identidade cultural própria e afastar os escritores de Cabo Verde dos “cânones portugueses e [levá-los a] exprimir a voz coletiva do povo cabo-verdiano, naquilo que ele possui de mais autêntico” (LARANJEIRA, 1995, p. 190) estava no escopo de movimentos literários cabo-verdianos e africanos, evidenciando as estreitas (ou, pelos menos, a busca de) conexões entre o elemento social, e das perspectivas político-ideológicas de captar o social e o literário. Assim, percebemos que no contexto no qual se desdobram os fenômenos dos quais nos ocupamos, a relação entre o elemento social e o literário se faz bem mais estreita, pelo fato de os escritores estarem de tal forma envolvidos nos conflitos que os marcaram real e simbolicamente. Por meio de sua arte literária, parecem querer dialogar, criticar e compreender os lugares e os fenômenos sócio-históricos em que se inserem.

Desse modo, a adaptação de romances pela lente cinematográfica produz alguns efeitos de sentido e recepções específicas. Além do diferente tratamento com a ironia promovido pelas duas lentes – a literária e a cinematográfica, percebemos também que:

Revelam-se assim, no romance e no filme, duas comunidades diferentes. O romance remete para uma comunidade que desfruta do mesmo sentido de humor, da mesma autoderrisão que o autor. Esta comunidade não se limita aos seus potenciais leitores cabo-verdianos quando consideramos a recepção, em Portugal por exemplo, deste livro como também das numerosas obras que Germano Almeida continua a escrever. O filme remete, quanto a ele, para a lusofonia, mas uma lusofonia que o seu autor talvez julgue ainda pouco conhecedora das suas componentes heterogêneas (neste caso da sua componente cabo-verdiana) para lhe dar a ver uma obra mais ambiciosa. (PIRES, 2006-2007, p. 43)

Pelo exposto, poderemos concluir que o discurso literário cabo-verdiano, marcado durante certo tempo por temas como a seca e o subsequente imperativo da emigração involuntária apresenta, no período pós-independência, possibilidades de apreensão caracterizadas por um viés abertamente humorístico, a exemplo do elemento social captado pela lente irônica de Germano Almeida em *O Testamento do Sr. Napumoceno*, uma vez que a ironia “e o humor se inserem, pela via ficcional, como

importantes elementos de aferição crítica de seu contexto sócio-histórico” (MARCOS e QUEIROZ, 2010, p. 1).

## REFERÊNCIAS

ALMADA, José Luís Hopffer. Das tragédias históricas do povo cabo-verdiano e da saga da sua constituição e da sua consolidação como nação crioula soberana. In: <http://tertuliacrioula.com/2010/01/das-tragedias-historicas-do-povo-caboverdeano/> Acessado em: 28 dez 2012.

ALMEIDA, Germano. **O Testamento do Sr. Napumoceno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ALMEIDA, Germano. **A Família Trago**. Lisboa: Caminho, 1998.

AUGEL, Moema Parente. Três Faces da Nação (Prefácio). In: SILVA, ABDULAI. **A Última Tragédia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006, PP. 7-20.

CABRAL, Amílcar. **Unidade e Luta**. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/dados/livros/memoria/livro\\_amilcar\\_cabral\\_unidade\\_e\\_luta.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/livros/memoria/livro_amilcar_cabral_unidade_e_luta.pdf) Acessado em 26 Abril 2001.

GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde: literatura em chão de cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

GUERREIRO, Maria Manuela Lopes. **Germano de Almeida e a Nova Escrita Cabo-verdiana: um estudo de O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo**. Praia/Mindelo: Embaixada de Portugal/Centro Cultural Português, 1998.

GUIMARÃES, Márcio L. S. **Cabo Verde, entre imagem e palavra: leituras de O Testamento do Sr. Napumoceno**. Niterói: UFF/CEG, 2006. Dissertação de Mestrado.

LABAN, Michel. **Cabo Verde – Encontro com Escritores**, Vols. I, II. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1992.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

MARCOS, Eidson M.S.; QUEIROZ, Amarino O. Construção do discurso paródico e foco narrativo em *O Testamento do Sr. Napumoceno*, de G. Almeida. In: **Anais** do III Seminário História e Culturas Afro-Brasileiras e Indígenas. Campina Grande/PB, 2010.

PIRES, Maria do Carmo Martins. Narrações e recepções em *O Testamento do Sr. Napumoceno*, romance de Germano Almeida e filme de Francisco Manso. In: OLIVEIRA, Anabela D. B. (Org). **Diálogos Lusófonos: Literatura e Cinema**. Vila Real: Centro de Estudos em Letras Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2006-2007.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **As Inscrituras do Verbo**: dizibilidades performáticas da palavra poética africana. Recife: UFPE, PGLetras, 2007. Tese de Doutorado.

SEMEDO, Manuel Brito. O Modelo Brasileiro e a Literatura Moderna Cabo-verdiana. Estudo comparado. In: **África**: revista do CEA. São Paulo: USP, 2001 pp. 253-265,

SPÍNOLA, Danny. Cabo Verde: As Ilhas da Morabeza. Disponível em: [http://www.aucv.rcts.pt/word/cabo\\_verde\\_site\\_final\\_revisto.pdf](http://www.aucv.rcts.pt/word/cabo_verde_site_final_revisto.pdf). Acessado em 12 mar 2011.

VENÂNCIO, José Carlos. **Literatura e Poder na África Lusófona**. Lisboa: Ministério da Educação Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.